



# Co-ativando processos no território criativo do alto das pombas – Salvador/BA

CO-ACTIVATING PROCESSES WITHIN THE CREATIVE TERRITORY  
ALTO DAS POMBAS - SALVADOR / BA

**Jamille Souza** <sup>1</sup>

## RESUMO

Este artigo relata uma intervenção realizada como produto do trabalho de conclusão de curso (TCC) para requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública e Gestão Social, da Universidade Federal da Bahia, que objetivou co-ativar processos de desenvolvimento humano e formação de novas territorialidades numa comunidade tida como potencialmente criativa de Salvador, capital da Bahia e como a mediação da gestora social pode desenvolver suas competências diante de um contexto propício para intervenção social. O estudo foi produzido sob o ponto de vista da interdisciplinaridade, respeitando o desenho do curso de GPGS e as abordagens construídas na formação da gestão pública e social, sobretudo agregando a participação de lideranças locais na problematização e re-formulação de um conceito muito novo na literatura acadêmica, que são os territórios criativos. Apesar de ainda ser amorfo e com necessidade de maiores estudos e delimitações, a temática territórios criativos parece estar ganhando importância como um meio para o local desenvolver-se economicamente e estar fazendo o caminho dentro da agenda política de muitas cidades. A intervenção foi realizada em duas etapas. A primeira através de levantamento de referencial teórico e o segundo momento a intervenção social em si, realizada na comunidade do Alto das Pombas, durante os três primeiros meses do ano, adotando nesta imersão a metodologia da pesquisa-ação-participante.

**Palavras-chave:** Território Criativo; Território; Criatividade; Alto das Pombas.

## ABSTRACT

*This paper presents and discuss the intervention performed as the work product of completion (CBT) for partial requirement for the degree of Technology in Public Management and Social Management, at the Federal University of Bahia, which aimed to enable co-development processes and training of new human territoriality in a community regarded as potentially creative Salvador, capital of Bahia and how the mediation of social management can develop their skills in front of an enabling environment for social intervention. The study was produced under the terms of interdisciplinarity, respecting the design of the course and the approaches GPGS built in the formation of public and social management, especially adding the participation of local leaders in questioning and re-formulation of a very new concept in academic literature, which are the creative territories. Although still amorphous and in need of further study and delimitations, the thematic creative territories seem to be gaining importance as a means for the local develop economically and be making their way into the political agenda of many cities. The intervention was conducted in two stages. The first through a survey of theoretical and the second time social intervention itself, held in*

<sup>1</sup> Graduanda em Gestão Pública e Gestão Social pela Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. É pesquisadora do Grupo de Estudos sobre Águas, Ambiente e Sociedade, do CIAGS/UFBA. E atualmente é assistente do Núcleo de Comunicação do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA). Email: jamillesouza@yahoo.com.br

*the community of Alto doves during the first three months of the year, adopting this immersion methodology of action research participant.*

**Key Words:** *Creative Territory; Territory; Criativity; Alto das Pombas*

## **INTRODUÇÃO**

A gestão social está sustentada em uma preocupação para com o bem estar de todos (GONDIM, 2006) e exige do gestor, diferente da gestão tradicional e de sua racionalidade instrumental, uma performance substantiva munida de competências e saberes para situações e demandas das mais diversas. Admite-se por gestão social do desenvolvimento o processo de mediação que “articula múltiplos níveis de poder, em espaços e tempos determinados, nas quais a pluralidade de discursos tem seu lugar” (HABERMAS, 1989). O que se demanda do gestor é que ele tenha visão de conjunto, ajude na transformação sócio-cultural, mas também simbólico-valorativa, e que se mantenha vigilante ante os mecanismos de auto-regulação (FISCHER, 2002), num processo contínuo de aprendizagem e avaliação de suas práticas.

Diante disto, este artigo tecnológico é uma síntese da Intervenção realizada como produto do trabalho de conclusão de curso (TCC) para requisito parcial à obtenção do grau de Tecnólogo em Gestão Pública e Gestão Social, da Universidade Federal da Bahia, que visou co-ativar processos de desenvolvimento humano e formação de novas territorialidades numa comunidade tida como potencialmente criativa de Salvador, capital da Bahia e como a mediação da gestora social pode desenvolver suas competências diante de um contexto propício para intervenção social.

O estudo foi produzido sob o ponto de vista da participação coletiva e interdisciplinaridade, respeitando as linhas político-pedagógicas do curso, que propõe que os TCCs sejam modelados a partir da metodologia do Multi-Disco. Esta apresenta três tipologias possíveis para os trabalhos de conclusão: Avaliação, Projeto de Intervenção e Intervenção. A tipologia Intervenção acolhe experiências livres de inferência em realidade sociais complexas. Segundo Boullosa, (2010, p.8):

Esta tipologia busca desenvolver no aluno as competências técnicas, relacionais e estratégicas da formação em gestão pública e gestão social que permitem ao aluno-futuro gestor compreender tais realidades, problematizá-las e modelizá-las, de modo a intervir responsavelmente sobre as mesmas, a partir de um olhar crítico, mas também a partir da compreensão dos desafios e potencialidades transformadoras daquela realidade.

O olhar desta tipologia vislumbra um horizonte iluminado pela luz resplandecente da curiosidade, estabelecendo o espaço territorial como fundamento do conhecimento e por isto, a escolha da intervenção como proposta de trabalho, enquadrando-se razoavelmente nos eixos temáticos da gestão criativa, diversidade, interculturalidade e inovação territorial, e dialogam com meus interesses pessoais, por afinidade e vivenciais profissionais. Como

afirma Bouldos (2010), o método dos eixos temáticos estrutura-se como um espaço prático-reflexivo, que privilegia a troca de saberes e de experiências na dupla perspectiva da aprendizagem situada e da aprendizagem significativa.

O principal objetivo do trabalho foi apresentar uma proposição de intervenção, construída de modo coletivo, para potencializar a comunidade do Alto das Pombas como um território criativo. Por trata-se de uma proposta discente e embrionária, havia algumas limitações, sob perspectiva de desenvolvimento e gestão local. Buscou-se encontrar caminhos com lideranças locais, na criação de espaços economicamente relevantes e, ao mesmo tempo, capazes de, pela criatividade e resistência do seu povo, garantir qualidade de vida a seus habitantes. As lideranças locais que se teve contato fazem parte de uma organização social, o Instituto Fatumbi e do movimento social racial e feminista, chamado de Grupo de Mulheres do Alto das Pombas.

O território do Alto das Pombas, assim como muitos outros bairros de Salvador apresentam peculiaridades significativas. Cidade de inúmeras riquezas artísticas e culturais, oriundas principalmente da sua herança africana, Salvador expressa seus atributos criativos através da música, da dança, da culinária, da religiosidade, da arquitetura, das artes visuais e fortemente nos comportamentos presentes no cotidiano da sociedade, que agrupa toda essa riqueza em uma simbologia, chamada por alguns, de baianidade. É a principal cidade do Nordeste do Brasil e berço de nascimento deste país. E talvez, mais que qualquer outra cidade brasileira, seja ela, o exemplo da modernidade conservadora, materializada na concentração de renda por um lado, e extrema pobreza de outro, da ausência de equidade de gênero e transversalidade de políticas públicas e sociais. Contradição maior das relações entre ambiente, produção econômica e cultural. E se por que, historicamente, apresenta essa caracterização das classes sociais e raciais, isso não impede que ela seja vista como bela e ímpar, provinciana e metropolitana, na sua heterogeneidade e singularidade.

De origem colonial, sua economia é baseada no setor de serviços e o turismo tem uma atuação importante pela ligação com o patrimônio histórico/cultural e pelas belezas naturais. Desde a primeira metade do século XX a cidade vem sendo palco de transformações ligadas a obras de grande vulto, com o intuito de projetá-la para um futuro mais moderno e dar conta do crescimento desordenado da sua população.

Quando analisamos as diversas iniciativas de coesão social e desenvolvimento econômico que tomaram impulso a partir da temática cultura, fica evidenciado o poder transformador que ela pode alcançar quando interconectada com a Identidade e Memória Social, além de associada a programas e políticas públicas bem estruturadas a exemplo do que ocorrem em alguns países e cidades, a exemplo de Londres, Espanha, Austin e Catalunha. Apesar de ser reconhecido pela sua diversidade cultural e potencial criativo, o Brasil não figura nas pesquisas internacionais entre os 10 primeiros, países em desenvolvimento, produtores e exportadores de bens e serviços criativos.

Estimular mecanismos para que a cultura e a criatividade possam contribuir na melhoria da qualidade de vida dos cidadãos torna-se, assim, questão estratégica para territórios, pois, além da distinta dimensão simbólica que a cultura naturalmente representa para uma sociedade, o grande desafio está relacionado à sua capacidade de contribuir na dimensão sócio-econômica.

No caso do território do Alto das Pombas resgatar elementos que envolvem a imagem do bairro tornar-se uma contribuição efetiva para a memória da cultura de uma cidade fundada no século XVI, e que necessita ainda descobrir e valorizar os ícones e elementos da sua história como potencialidade de desenvolvimento do tecido identitário. Não sendo preciso negar os elementos que compõem a identificação atual, mas canalizá-los como fatores cotidianos do bairro, por exemplo, e consolidar junto aos atores sociais a imagem de uma comunidade sustentada nos novos elementos identificados para o seu desenvolvimento local.

É oportuno leva-se em conta também a dimensão simbólica/identitária quando se pretende intervir em uma realidade. As identidades se revelam de múltiplas formas e vivem em um processo infundável de construção (HALL 2006). Aliar os imperativos identitários individuais com as ações interventoras pretendidas significa atribuir maior substância e sentimento a um objetivo. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento local, em um sentido simbólico, e a importância material dele para o seu uso social é o que dá sentido territorial a este espaço.

Para tanto, as seções do trabalho ora apresentado, destacou os principais conceitos que o norteava, desde a relação dos indivíduos com a criatividade percorrendo sua aplicação aos espaços urbanos denominados territórios, passando por temas como gestão social e cultura, considerando ainda como as diversas expressões culturais, a gestão criativa e as capacidades criativas dos indivíduos na comunidade podem contribuir para um processo de desenvolvimento sócio-territorial que proporcione a transformação da realidade econômica e social.

Segundo Boulosa (2010), desenvolvimento sócio-territorial pode ser compreendido como:

“um processo de transformação induzido por um conjunto de atores, individuais e coletivos, públicos e privados, mobilizados e organizados por uma metodologia que lhes ajude a reconhecer os problemas e as potencialidades de um território, a partir da compreensão de suas dimensões social, econômica, ambiental e cultural”.

A proposta de intervenção pretendeu apresentar uma proposição participativa e integrativa e, assim os fundamentos teóricos utilizados deveriam ser entendidos como referenciais de suporte a uma proposta focada no campo empírico, a partir de uma oficina sobre territórios criativos, no lócus da comunidade do Alto das Pombas, para empoderamento e construção de novos saberes, ciente de que algumas impressões iriam se confirmar e novas dimensões seriam incorporadas.

Outro aspecto a ser considerado na elaboração do projeto foi sua relevância tanto para a comunidade supramencionada quanto para a autora do trabalho, pela oportunidade de se explorar os conhecimentos alicerçados no campo conceitual e em sala de aula, tornando efetiva a sua aplicação no campo. A produção de um trabalho com essa pretensão se mostra com evidente relevância para a sociedade na medida em que propõe utilizar seus ativos culturais como insumos para o desenvolvimento e melhoria da qualidade de vida dos munícipes, criando um ciclo virtuoso em que a própria sociedade

acolhe o processo de alimentação e retroalimentação do seu desenvolvimento, utilizando e reciclando seus “estoques” culturais.

Para esta autora, a oportunidade de convergir os ensinamentos teóricos do curso de gestão pública e gestão social a investigação, proposição e estudo inovador – territórios criativos, representa uma grande oportunidade de experimentação e realização. Assim como Gianella (2008, p.24) revela:

Talvez, hoje em dia, a analogia pertinente para a gestão social seja muito mais a Jam Session do que a medicina alopática ou da mecânica. Pois nossa tarefa aproxima-se mais de um processo criativo com múltiplos protagonistas (multi atorial) do que a visão de um sujeito todo poderoso, capaz de resolver sozinho, os conflitos presentes no sistema e de determinar, sem interferências, as evoluções certas para ele.

Apesar de ainda ser amorfo e com necessidade de maiores estudos e delimitações, a temática territórios criativos parecem estar ganhando importância como um meio para o local desenvolver-se economicamente e parece estar fazendo o caminho dentro da agenda política de muitas cidades, inclusive em Salvador, como exemplo o Plano de Reabilitação do Centro Antigo (Centro Histórico).

A intervenção foi realizada em duas etapas. A primeira fez-se um levantamento de referencial teórico e bibliográfico sobre os diversos temas que serviram de base estruturante. O segundo momento tratou da intervenção social em si, realizada na comunidade do Alto das Pombas, durante os três primeiros meses do ano, adotando nesta imersão continuada a metodologia da pesquisa-ação-participante.

Esta metodologia foi escolhida por ser ensaiada na prática, através de métodos que procuram combinar o conhecimento com a eficácia da transformação e/ou do desenvolvimento social, tendo como características: (i) a integração dos atores que participam do estudo numa função participativa, (ii) a natureza transnacional da recopilação e análise de dados e a importância atribuída à união entre a reflexão e a prática, favorecendo o desenvolvimento da sociedade civil (VIEZZER, 2005).

## **ASPECTOS METODOLOGICOS E REFERENCIAL TEÓRICO**

O olhar para realização do projeto de intervenção bem que poderia ser etnográfico, mas para o seu meio de investigação escolhemos a metodologia da pesquisa-ação-participante. Etnográfico é um método da antropologia, que exige do pesquisador contato direto e prolongado com o seu objeto de estudo. Vale-se, predominantemente, da observação participante e da entrevista não estruturada para obter dados sobre pessoas, espaços, interações, símbolos e tudo o mais que interessar a sua investigação. Embora parta de algum referencial teórico, o pesquisador não é a ele escravizado. Confronta teoria e prática o tempo todo e vai reconstruindo a teoria (VERGARA, 2009).

A pesquisa-ação é um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social. Quanto aos fins é, portanto, intervencionista.

Segundo Vergara (2009), durante décadas falou-se a partir dos binômios pesquisadores/grupos estudados. Até na atualidade alguns dizem que uma pesquisa é participante quando os pesquisadores sociais saem do seu escritório para pesquisar em campo ou quando estudantes realizam planos de extensão. Outros acham que a pesquisa é participante quando os grupos participam, dão entrevistas, opiniões ou aplicam questionários. Na realidade, a pesquisa é participante não só porque a pesquisadora ou pesquisador social trabalham no campo empírico, mas também porque os grupos envolvidos saem do silêncio e do espaço de opressão que a sociedade lhes impõe, para participar de um processo onde aprendem a descobrir, compreender e analisar a realidade e repassar adiante o conhecimento adquirido, num processo de troca de saberes.

Em síntese, a pesquisa-ação-participante busca através métodos combinar o conhecimento com a eficácia da transformação e/ou do desenvolvimento social. Na sua evolução, principalmente no âmbito das questões sociais, culturais e ambientais, extrapolou-se a visão binária de quem faz a pesquisa e quem participa, visualizando a pesquisa-ação-participante como um processo global, no qual todos os atores sociais envolvidos acompanham o mesmo de várias formas e em diferentes níveis, do começo ao produto final.

No que tange aos referenciais teóricos utilizados no processo de construção do projeto, buscou-se relacionar os conceitos de alguns temas, como Cultura, Território, Criatividade e Territórios Criativos, conforme a visão de alguns autores, para uma melhor compreensão do campo de estudo e suas interfaces. Reiterando que não se pretendia realizar extensas digressões teóricas, até porque o estudo não tinha um caráter conclusivo, tendo-se originado de investigações, registros a partir de sugestões de livros e textos pelos professores orientadores e algumas reflexões provenientes de uma leitura da realidade brasileira e particularmente baiana na última década.

### *Cultura e Memória Social*

Em Salvador, é bem nítido o entendimento da importância da construção da memória social para o empoderamento e autoestima das comunidades da cidade, carentes em sua maioria, e como a do campo empírico deste projeto, no caso o bairro do Alto das Pombas.

A cultura é um importante elemento formador da identidade. Para, além disto: “a cultura é uma dimensão fundamental na promoção do desenvolvimento. Ela pode ser entendida como meio, processo em sua condição dinâmica, que constrói e modifica sistemas simbólicos. Mas também cultura ou desenvolvimento cultural é fundamentalmente um dos objetivos do desenvolvimento humano” (LAGES, 2007, p.13).

Já a memória é uma construção social que desempenha um papel na própria construção do social. Sem memória não há identidade social. Daí o erro das sociedades não cultivarem as suas memórias. Sem memória o sujeito nunca poderia saber de si porque nunca poderia saber dos outros, ou seja, a construção da individualidade faz-se no trabalho relacional, que tem no cenário

a memória social partilhada. É o habitar num espaço social partilhado que gera as referências fundadoras da identidade.

O Eu é o centro da gravidade da narrativa existencial, contudo só está em condições de construir uma narrativa inteligível se enraizado na memória dos e com os outros. A pluralidade de expectativas e de memórias é fruto de uma pluralidade de mundos. Quanto maior a abertura à alteridade, maior a riqueza individual. O sistema relacional permite a descentração (SILVA, 2001).

Vale se destacar também que neste bojo de discussão perpassa o conceito de património cultural, que é tudo o que faz da construção histórica e cultural do ser humano em determinado espaço físico, entendendo-se cultural como complexo que incluir conhecimento, crenças, arte, moral, leis, costumes e outras aptidões e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade (MARTINS, 2006).

Em relação à composição da memória social, Michael Pollak (1992), aponta três elementos: os acontecimentos vividos, as pessoas/personagens e os lugares. Tais elementos tanto podem ser verdadeiros como também adaptações de outros eventos, fatos, pessoas ou lugares. A esse processo denominam-se transferências ou projeções. Na maioria dos casos, o vínculo entre as lembranças e os elementos materiais se torna em muito aguçado. Pessoas ou lugares públicos são capazes de despertar a memória individual ou coletiva, a ponto de fazê-la reviver acontecimentos passados. Como exemplo podemos tomar a figura do antigo “muro de Berlim”, da Alemanha. Estava ali a representação de um objeto concreto que despertava a memória tanto individual - daquelas pessoas que particularmente vivenciaram alguma experiência a ele ligada - quanto coletiva - de todo o mundo que a ele olhava com indignação. Outro exemplo, olhando para o discurso, pode-se notar a variação de referências entre o âmbito social e individual. É facilmente notada, no discurso de políticos - ou mesmo nas respostas de jogadores de futebol – a alusão ao âmbito social mesmo diante de perguntas unicamente referentes ao individual ou particular.

Enfim, segundo a ordem estabelecida por Pollak, na construção das memórias, tanto individuais quanto coletivas, existem três elementos que surgem como essenciais: a unidade física, a continuidade dentro do tempo e o sentimento de coerência. São essas as características fundamentais à composição do conceito de identidade. Nas sociedades ao longo da história, memória e identidade são dadas constantemente negociadas. Por isso a necessidade, segundo Pollak, em estabelecer os elementos de coerência, únicos capazes de garantir a unidade entre as memórias individuais, por sua vez, constituintes da memória coletiva. Aqui se efetua a constante tentativa de criação dos laços lógicos e, especialmente, simbólicos entre os eventos de determinada sociedade. Trata-se de uma das possibilidades de viver e coexistir em meio à fragmentação da vida cotidiana.

A presença de griôs na comunidade do Alto das Pombas é um ponto de destaque pra justificar o potencial deste território, a partir de seus aspetos culturais e sociais. Os mestres dos saberes populares ou GRIÔS são pessoas que, por diversas razões, circunstâncias e habilidades acumularam conhecimentos que pertencem às suas comunidades e que podemos entender como património cultural imaterial. São práticas, representações, expressões e técnicas junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhes são associados que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos

reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial é transmitido de geração em geração (MINc, 2004). Segundo a mesma fonte, GRIÔ é o abasileiramento (grifo do original) da palavra francesa griôt usada por africanos estudantes em universidades francesas, preocupados com a preservação de suas tradições através de narrativas. Tais narrativas não se restringiam às tradições orais. Narrar à cultura de um povo pode ser feito por muitas outras linguagens.

### *Território*

À compreensão do que é território foi o mais imprescindível para viabilidade deste trabalho, assim como o de territorialidade e território criativo. Primeiro, em virtude da influência do território no comportamento dos sujeitos que o habitam. Seguido por entender que se faz necessário este domínio teórico pelo Gestor Público e Social, que analisará criticamente a gestão pública e a gestão social como campos complexos, permeados por interorganizações (redes de cooperação, cadeias ou sistemas produtivos) e instituições que atuam em conjunto.

Ainda, de que o conceito de territorialidade estabelece a relação entre Espaço, Lugar, Identidade (coletiva e Individual) e Regulação (como expressão dos valores que definem a identidade). O conceito de territorialidade refere-se, então as relações entre o indivíduo ou grupo social e seu meio de referência, manifestando-se nas várias escalas geográficas – uma localidade, uma região ou um país – e expressando um sentimento de pertencimento e um modo de agir no âmbito de um dado espaço geográfico. (ALBAGLI, 2004).

Em termos geográficos, como expõe Sack (1986), a “territorialidade é uma forma de comportamento espacial”. Ele aborda a territorialidade humana como um elemento indispensável à vida cotidiana. A territorialidade é entendida como a expressão geográfica do exercício do poder em diferentes níveis – do pessoal ao internacional. E, enquanto expressão do poder é utilizada de diversas formas (inclusive para proteger), diferentemente do instinto sempre agressivo da territorialidade animal.

O termo *Territorium* é de origem latina, provém diretamente do vocábulo terra e, segundo Haesbaert (2004, p. 43), “era utilizado pelo sistema jurídico romano dentro do chamado *jus terrendi* (...) como pedaço de terra apropriado, dentro dos limites de uma determinada jurisdição político-administrativa”. Etimologicamente, também vincula-se ao termo *terrifer* - de origem francesa - que se relaciona ao “direito de aterrorizar”. Neste sentido, a dominação é determinante para a delimitação do território, pois é explicado, na sua essência, como o local em que os seres humanos são expulsos ou recomendados a não entrarem. Nessa perspectiva, pode-se inferir que a origem linguística associa seu significado à ideia da apropriação do espaço pela sociedade: o território é, portanto, lócus de conflito.

No final do século XIX, o conceito de território assume novos significados e integra de forma mais efetiva o arcabouço teórico-conceitual da Geografia, influenciado por uma concepção organicista da realidade. Ratzel – principal responsável por esta abordagem - vincula o território ao Estado-Nação, como sendo uma condição para a sua existência, expansão, e fortalecimento. No contexto do século XXI, portanto, pode-se afirmar que, enquanto produto da sociedade, o território inclui apropriação de um determinado espaço assentado



na noção de limite como manifestação das relações e das intenções de dominação sobre a extensão de uma determinada área. É, portanto, espaço de controle, e de exercício de poder.

Para Claude Raffestin (1993), o “território se apoia no espaço”. Para esse teórico, o espaço é uma condição a priori e o território a posteriori, porque é produzido pelo homem a partir deste. Raffestin se sustenta numa perspectiva multidimensional do território, baseada nas diferentes relações sociais existentes, que não se limitam apenas ao exercício do poder estatal. Partindo de uma representação, os atores vão proceder à repartição das superfícies, a implantação de nós e a construção de redes.

Diferentes concepções e abordagens podem ser utilizadas para conceituar território. De forma abrangente, o território deve sempre ser considerado dentro de seu contexto histórico. Nesta perspectiva, alguns autores que discutem a questão territorial, dentro de suas óticas, adotam uma concepção que expande a visão tradicional de território, a exemplo de Hasbaert (2004) e Souza (2001). Para estes dois autores o território não é visto como mero espaço geográfico ou uma porção delimitada de terra, mas sim, como um construto que envolve relações de poder, de apropriação e de pertencimento.

Usando o termo “apropriação” damos uma conotação de uso funcional, o que nos remete à dominação e conquista de algo para algum fim. Vemos, assim, o ponto central que sustenta o conceito de território: o poder. É um território, “todo espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder” (SOUZA, 2001). As relações de poder citadas por este autor não se esgotam em um sentido material. Ele se refere tanto ao poder no sentido concreto, de dominação, quanto no sentido simbólico, no qual se emprega o termo “pertencimento”, configurando outra forma de relação de poder tão forte quanto à primeira.

Além disto, na compreensão de Hasbaert (2004), ele afirma que todo território é, simultaneamente, e em diferentes combinações, funcional e simbólico, pois exercemos domínio sobre um espaço tanto para realizar “funções”, quando o usamos como recurso, quanto para produzir signos, na construção de signos e laços sociais no espaço vivido. Como implicação desta visão, é importante observar que, enquanto espaço-tempo vivido, o território é sempre múltiplo, diverso e não inanimado.

Hasbaert (2004) sintetiza as diferentes noções de território em três vertentes básicas. A primeira delas é a política (quando se refere às relações de espaço-poder e geral), ou jurídico-política (quando se refere também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas). A segunda vertente, deste autor é a cultural (culturalista) ou simbólico-cultural. E a terceira linha considerada é a econômica (visão economicista). O território é entendido como uma fonte de recursos e incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão “territorial” do trabalho. Uma interpretação mais antiga: a naturalista, em que a noção de território está baseada nas relações entre sociedade e natureza, particularmente no que se refere ao comportamento “natural” dos homens em relação ao seu ambiente físico.

Entre a concepção naturalista e a de territórios-rede, Rogério Haesbaert (2004) constrói uma linha de conceitos e reelabora as diversas vertentes que permeiam as discussões sobre termo: a perspectiva materialista, idealista e a integradora que assume a peculiaridade híbrida do termo. Na perspectiva materialista, o conceito de território possui uma herança do marxismo em que

as relações sociais e econômico-produtivas, bem como o aspecto naturalista e político determinam a compreensão do termo cujas teorias não estão entretidas, mas dispostas isoladamente. Para a concepção idealista, o território é analisado pela construção simbólica de um grupo constituída pelo modo de vida, crença, costume, visão de mundo, ética e princípios de uma sociedade que formam as relações sociais e fundamentam a existência do território. Neste sentido, há uma crítica ao materialismo que reduz a compreensão do território ao aspecto funcional e não explora as representações sociais constituídas nas relações sociais que o identifica e dá existência ao mesmo.

Frente a esta vasta definição de território, por Haesbaert, afirma-se que ele se apropria de um conteúdo híbrido que pode articular significados múltiplos, desde o viés materialista político-tradicional, econômico, natural e idealista-simbólico. Neste sentido, para este autor, não se trata de um conceito que totaliza todas essas dimensões supracitadas, mas as integra, por conexão, na busca por uma compreensão das vertentes que influenciam o entendimento de território.

Para Brandão (2007), o meio urbano é como uma escala que pode conter outras “escalas intraurbanas” sendo importante a análise dessa dinâmica de reprodução social e diferentes escalas especiais em que se processa o desenvolvimento das forças produtivas. Desta maneira o território apresenta variações de amplitude e escala, podendo estar delineado numa rua, num bairro, num conjunto de bairros, numa cidade, toda uma região e assim por diante.

Quanto a uma concepção de configuração territorial, por Milton Santos (1996), este explora, destacando que é no território que as relações sociais locais compõem a matriz motivadora da dinâmica interacional: “A configuração territorial, ou configuração geográfica, tem, pois sua existência material própria, mas sua existência social, isto é sua existência real, somente lhe é dada pelo fato das relações sociais”.

A diversidade de conceituação do território e seus desdobramentos aportam para uma nova linha teórica do campo das políticas públicas, a *policy inquiry*, a qual enfatiza a importância da análise das interações sociais e dos conflitos nas arenas políticas públicas de maneira processual. Boullosa (2010) define políticas públicas como toda ação pública voltada à resolução de um problema considerado de pública relevância. As políticas públicas são aqui entendidas como um construto social nos quais diversos atores atuam para tratar um problema segundo as suas concepções e interesses. A política pública é um recipiente conceitual capaz de abrigar diversas interpretações sobre um mesmo fenômeno e o Estado pode ou não ser um ator participante dessa arena de conflito. Essa linha (*mirada al revés*) abandona a visão que direciona as políticas públicas como apenas as ações do Estado na sua relação com a sociedade.

### *Criatividade*

Os estudos etimológicos acerca da origem da palavra “criatividade” associam-na como algo de trazer à existência, criando, inventando, lidar criativamente com problemas aparentemente insolúveis. Criatividade é geralmente definida como a capacidade humana de pensar problemas "de novo ou de primeiros princípios", envolvendo a experimentação, a reescrita das regras, e uma visão para o futuro (LANDRY, 2005, p.233).

A definição de criatividade não é simples, pois integra a importância de diferentes dimensões e campos de estudo relacionados com a psicologia, arte, ciência, economia, tecnologia, entre outros. Geralmente existe alguma confusão entre os conceitos criatividade e inovação, que são distintos. Segundo Barry (1993) a criatividade é o processo através das quais novas ideias são produzidas, enquanto a inovação é o processo através do qual as novas ideias são implementadas. Deste modo, a criatividade é uma pré-condição para a inovação. No entanto, também é importante referir que a criatividade não diz apenas respeito ao “novo”, envolvendo também a abertura a ideias, influências e/ou recursos já existentes que podem ser aproveitados de formas mais sustentáveis e eficientes (Landry e Bianchini, 1998).

Desde o início do século XXI que a importância e a abrangência da criatividade são reconhecidas por diversos atores da sociedade, desde teóricos da área da educação a incorporação no discurso e prioridades políticas. Hoje, anualmente no Brasil, no dia 17 de novembro comemora-se o dia da criatividade. Segundo a professora Maribel Barreto (2007):

“(...) criatividade é uma capacidade especialmente humana, que se apresenta como mais um diferencial entre o homem e os demais seres. Os humanos têm o poder de transcender a situação imediata, de abstrair os dados da realidade e criar estratégias inéditas para garantir sua sobrevivência. Esta possibilidade de auto-organização pode ser definida como criatividade”.

No que se refere ao conhecimento acadêmico à produção científica dirigida à importância econômico-social da criatividade é relativamente recente e tem uma maior expressão ao nível das ciências sociais. De um modo geral reconhece-se que a importância social e econômica dada atualmente à criatividade resulta da mudança de paradigma da economia mundial associada ao fenómeno da globalização (Fundação Serralves, 2008) e, simultaneamente, da percepção da vasta abrangência do conceito.

Segundo a OCDE (2009) o impulso mais importante para o enfoque na criatividade foi obtido a partir do livro "The Rise of the Creative Class" (A Ascensão da Classe Criativa) de Richard Florida em 2002. O livro argumenta que a base das vantagens econômicas de um território está na criatividade humana. Os locais devem desenvolver, atrair e reter pessoas criativas que possam estimular o conhecimento, a tecnologia e a inovação para reforçar o crescimento econômico. Esses sujeitos criativos são definidos como um novo coletivo emergente, a classe criativa. Um aspeto importante que Florida salienta é como é fundamental para a classe criativa a qualidade do lugar, combinando fatores como a abertura, diversidade, meio ambiente, cultura de rua e qualidade ambiental. Esses fatores, mais ou menos intangíveis, estruturam as instituições que influenciam a decisão de localização das pessoas criativas. Muitos países, regiões e cidades estão a configurar-se como territórios criativos. O primeiro exemplo foi à Austrália, que se posicionou como "creative nation", em 1994.

Florida destaca três aspetos essenciais nos valores da classe criativa: a individualidade, a meritocracia e a diversidade e abertura. A individualidade refere-se ao fato dos membros da classe criativa exibirem uma forte preferência pela autoafirmação, não se conformando com as regras organizacionais ou padrões pré-definidos. A meritocracia destaca a valorização da classe criativa ao mérito pessoal, entendido como capacidade de trabalho,

estabelecimento de objetivos e resultados alcançados. O dinheiro deixa assim de ser o elemento central na definição do status. Apesar da sua importância, outros aspectos como o respeito dos pares e a liberdade assumem relevância. Os membros da classe criativa sentem que querem dinheiro para viver a vida da maneira que preferirem, mas mesmo que consigam ganhar o suficiente podem ficar frustrados se notarem que estão a ser pagos de modo inferior ao que consideram justo pela qualidade do seu trabalho ou comparativamente a outros colegas. Apesar da falta de dinheiro ser um fator para a insatisfação com o trabalho, o dinheiro por si só não torna os trabalhadores criativos mais felizes, comprometidos ou motivados. A classe criativa é muitas vezes movida pela paixão pelo seu próprio trabalho. A diversidade e abertura relacionam-se com a noção de que ser mais capaz na profissão não depende da etnia, credo, preferência sexual ou outros fatores de diferença. A diversidade é entendida como um sinalizador do funcionamento da meritocracia.

O meio social e cultural é considerado por Florida um elemento central na estruturação da criatividade nas suas diversas formas, artística, cultural, tecnológica e econômica. O meio providencia um ecossistema no qual a diversidade de formas de criatividade pode enraizar-se e florescer. A existência de instituições culturais que apoiem determinado estilo de vida fornece incentivos para a localização das pessoas que apreciam esse cotidiano. O meio fornece o mecanismo de atração de pessoas possibilitando a interação e a troca de conhecimento e ideias. Existe uma fertilização cruzada entre as várias formas de criatividade que leva a que no mundo atual os locais caracterizados fortemente pela existência de um tipo de criatividade consigam em paralelo estimular as outras formas de criatividade.

A teoria da criatividade desenvolvida por Florida refere-se notadamente à classe criativa em meio urbano. Em síntese, sua fórmula para explicar a relação entre as cidades e a criatividade é a dos 3Ts: a tecnologia, que se refere à acumulação e à exploração do conhecimento humano; o talento, que se refere ao capital humano. Finalmente, o terceiro T, a tolerância, é considerada chave, pois é ela que permite a convivência com a diversidade.

Ferreira (2008, p.14) reforça o argumento indicando que a criatividade não se restringe ao trabalho de gênio e pode ser expressa de diferentes formas, seja artística, científica, cultural ou tecnológica. Outra questão apontada por este autor indica que a criatividade das pessoas floresce em ambiente tolerante que aceite o novo e seja capaz de transformar diferenças em práticas convergentes de ação.

A chave da criatividade nos ambientes urbanos esta diretamente relacionada à questão da diversidade em termos geográficos, sociais e econômicos. Os bairros precisam ter uma característica multifuncional para que as ruas fiquem cheias de atividades em todos os momentos do dia, tendo um conjunto de novos edifícios que diferem na idade e estado de conservação. Os edifícios antigos e novos têm cada um seu valor com diferentes tipos de interesses empresariais. Importância de espaços onde as pessoas vivam e trabalhem no mesmo local com perfis diversos de famílias, empresários, estudantes e artistas. (JACOBS, 2009).

Diante do seu potencial, como instrumento de desenvolvimento e de expressão cultural, existe o entendimento que a temática criatividade não pode ser relegada apenas às regras de mercado e deve ser objeto de políticas públicas.

Pelas suas especificidades, o desenho de ações de fomento para essa área tem se constituído em um desafio para os pesquisadores.

### *Territórios Criativos*

Diante das possibilidades relacionadas à criatividade em espaços urbanos observadas na primeira etapa do trabalho e análise situacional do território, a proposta da intervenção deste projeto buscou responder a seguinte pergunta-chave: quais elementos que podem evidenciar a comunidade do Alto das Pombas como um território criativo?

Segundo Cardoso (1971, p.67):

O sujeito empírico, antes de ser um definidor de situações aparece como um portador. De um lado, em que o processo é inconsciente, é portador de uma cultura – que lhe dita os hábitos, as maneiras como procede, as normas a seguir, as preferências, etc. de uma linguagem que lhe estrutura o pensamento. De outro lado, em que ele atua conscientemente, é portador de tudo aquilo que ele já sabe a respeito da coisa: através da experiência passada (individual, dos grupos e da sociedade), no que dela ficou guardado na memória, constituindo as prenoções; através das teorias codificadas que lhe servem de apoio, fornecendo-lhe as noções do que procura (conceitos, relações, previsões).

Não descartando a resposta do questionamento em epígrafe, mas acrescentando um adendo, em 2012, o Ministério da Cultura publicou o Plano Nacional de Cultura (PNC) e através de suas 53 metas busca-se o planejamento e implementação de políticas públicas de longo prazo voltadas à proteção e promoção da diversidade cultural brasileira. Diversidade que se expressa em práticas, serviços e bens artísticos e culturais determinantes para o exercício da cidadania, a expressão simbólica e o desenvolvimento socioeconômico do País.

O Plano dedicou um capítulo específico para tratar da economia criativa e do desenvolvimento sustentável, considerando a importância tanto da sustentabilidade das atividades culturais, quanto da interface entre a cultura, a inclusão social e o meio ambiente. Suas ações vão desde o fomento ao uso comercial sustentável de bens e serviços culturais até a expansão dos setores e dos serviços criativos. Com elas, pretende-se reduzir assimetrias e disparidades regionais, especialmente nas atividades e campos nos quais a cultura interage com os mercados (PNC, 2012). Como diretriz norteadora, há o incentivo a modelos de desenvolvimento sustentável que reduzam a desigualdade regional sem prejuízo da diversidade. Entre as ações que compõem este tema encontram-se: a identificação das cadeias produtivas; o fomento a redes e arranjos produtivos; a formalização e qualificação do mercado de trabalho do setor cultural; o fomento à inovação tecnológica; e a integração da cultura com o turismo.

A Meta 41 trata da institucionalização de 110 territórios criativos no Brasil. Há dois tipos de territórios criativos: as bacias criativas e as cidades criativas. A

institucionalização de bacias criativas se refere ao reconhecimento pelo Ministério da Cultura (MinC) e à criação de um sistema de governança compartilhada entre o poder público e a sociedade civil, as chamadas “bacias criativas”. Essas consistem em regiões geográficas formadas por diversos territórios com identidade cultural convergente, que representem cidades e pólos criativos regionais.

Nesses pólos coexiste um grande número de atividades que vão das indústrias culturais clássicas (como a do cinema, a da música e a editorial), a setores como propaganda, arquitetura, o mercado de artes e antiguidades, artesanato, design, moda, vídeo, softwares de lazer interativo, artes cênicas, softwares e jogos de computador, televisão e rádio, e ainda, as “indústrias criativas” que, regra geral, são definidas como aquelas que utilizam insumos criativos e geram propriedade intelectual.

As cidades criativas, por sua vez, se referem a um complexo urbano onde as atividades culturais de vários tipos são parte integrante da dinâmica local. Será uma chancela concedida pelo MinC às cidades brasileiras que apresentarem candidatura em alguma área temática (música, cinema, teatro etc.) e atenderem a um conjunto de parâmetros e requisitos. Compreende também uma rede virtual de interlocução e integração das referidas cidades chanceladas. De acordo com Claudia Leitão, não adianta apenas a cidade ter, por exemplo, um calendário de eventos culturais, se não há qualidade de vida para a sua população. Por isso, uma das premissas da cidade criativa é a sustentabilidade. “Tem de ser criativa mais do que culturalmente, mas, também, com soluções criativas para os seus problemas” (informação oral).

A secretária explica que as cidades premiadas com o selo receberão apoio do governo federal para que fixem naquele território empreendimentos criativos. Uma das propostas do ministério é a criação dos Agentes de Desenvolvimento, que darão assessoria às cidades criativas. Eles serão os responsáveis por levar o trabalho já desenvolvido nos Criativas Birôs – escritórios de apoio a empreendedores, criados a partir de parceria com os governos estaduais e instalados nas capitais – aos profissionais e empreendedores criativos.

Fischer (2009), teoriza sobre territórios criativos apontando o território como expressão de formulação e implementação de políticas públicas, como expressão de pertencimento, e como gestão social.

Apesar da abordagem de territórios criativos ser relativamente nova, com reduzida difusão na sociedade e na gestão pública e social, esse processo poderia gerar em Salvador inúmeras possibilidades para garantir a afirmação do patrimônio e melhores condições socioeconômicas para a população dada a força presente nas diversas manifestações culturais existentes, na criatividade de seu povo, e resistência/luta, que somadas as questões como tecnologia, inovação e convivência dos talentos locais com os talentos atraídos de outras partes do mundo, podem potencializa-lá em cidade criativa com territórios criativos.

Conforme analisado, no que pese não encontraremos conceitos únicos para a temática Territórios Criativos, verificam-se muitas convergências, como pode ser observado no quadro a seguir:

ALVES (2011)	Existindo a relação entre a criatividade e o contexto com a coletividade de indivíduos criativos, os territórios
--------------	--

	<p>criativos seriam espaços com grande concentração de pessoas que expressam os seus talentos culturais, artísticos e intelectuais, através de negócios vinculados a economia criativa. Tais espaços conformariam ambientes altamente favoráveis às pessoas para viver e trabalhar, bem como tem grande capacidade de atração de pessoas de outros locais, que de forma dinâmica contribuem para a diversidade cultural do local.</p>
<p>CLÁUDIA LEITÃO – Secretária Nacional Economia Criativa (2012)</p>	<p>Território criativo não é somente um local com vocação para a música, dança ou teatro. Mas onde o cidadão é fruto de uma política que trata a cultura como eixo de desenvolvimento.</p>
<p>Grupo de Pesquisa Gestão e Desenvolvimento de Territórios Criativos – UFV (2012)</p>	<p>Os territórios criativos podem ser ruas, vilas, bairros, distritos de uma cidade, ou o aglomerado de várias cidades que possuem organizações com vocação ou tradição na gestão da criatividade em diferentes ramos da economia, onde aspectos culturais e identitários sejam marcantes, associados a práticas de inovação e de conexões com diferentes agentes públicos, empresariais e do terceiro setor.</p>
<p>SEBRAE (2011)</p>	<p>Os Territórios Criativos são áreas urbanas de elevado potencial turístico e cultural, onde a comunidade apresenta vocação inequívoca para as artes e a hospitalidade. O Programa Territórios Criativos, criado pelo SEBRAE, visa realizar a formatação de produtos turístico-culturais de qualidade internacional em Salvador e entorno, através do desenvolvimento de novos e inovadores produtos e serviços, contribuindo com a melhoria da competitividade do destino baiano. O enfoque do projeto é identificar e trabalhar oportunidades de negócios dentro dos territórios que possam se desenvolver para o evento da Copa e que perdurem após o evento, incentivando o crescimento de micro e pequenas empresas e empreendedores individuais.</p>
<p>PLANO NACIONAL DE CULTURA (2012)</p>	<p>Territórios criativos são bairros, cidades ou regiões que apresentam potenciais culturais criativos capazes de promover o desenvolvimento integral e sustentável, aliando preservação e promoção de seus valores culturais e ambientais. Nos territórios criativos, podem existir diversas atividades ao mesmo tempo: desde indústrias culturais clássicas, como artes visuais, música e literatura, até outros setores como propaganda, arquitetura, arqueologia e design. Um território será legitimado pelo Ministério da Cultura (MinC) como território criativo por meio de uma chancela (selo). Com isso, poderá ser criado um sistema de governança com a participação do poder público e da sociedade civil. A partir desse reconhecimento, o MinC repassará recursos para a formulação de planos de desenvolvimento que tenham a economia criativa como estratégia.</p>

REIS (2008)	Território criativo seja ele um espaço criativo (uma área reduzida em um contexto maior) ou uma cidade criativa (uma articulação de espaços criativos de vocações complementares, atuando de forma sistêmica) apresenta várias dimensões – econômica, social, cultural, urbanística, turísticas etc. Por decorrência, uma cidade criativa não é necessariamente uma na qual a economia criativa prevalece, assim como áreas criativas de maior monta não são necessariamente cidades criativas (vide Vale do Silício). Uma cidade criativa é uma cidade em permanente estado de inovação. A segunda característica são as conexões – entre áreas da cidade, entre público e privado, entre local e global, entre economia, cultura e demais áreas de saber. A terceira é cultura – por sua contribuição simbólica, por seu impacto econômico setorial, pela agregação de valor que oferece a setores não-culturais da economia e pela formação de um ambiente mais aberto à inovação.
-------------	---

Fonte: Elaboração própria

A partir deste quadro resumo, reitera-se que os territórios criativos têm vida própria, possuem um tecido social, uma teia complexa de laços e relações com raízes históricas, políticas e de identidades diversas, constituindo sua dinâmica na interação e relação dos atores locais, onde esses atores interagem nas suas dimensões de pertencimento do território e criam seus espaços de poder, utilizando a criatividade e a resistência de seu povo como insumo produtivo. Esses territórios não são criados aleatoriamente, resultam de interação social, da capacidade dos indivíduos, das instituições e das organizações locais em promover ligações dinâmicas e a valorizar suas tradições, seus conhecimentos e concretizando a confiança que foram capazes de construir no caminho da sua história.

Para um território criativo ser desenvolvido é preciso empoderar sua comunidade desse desenvolvimento, além disso, torna-se necessário a implantação de práticas descentralizadoras articuladas com uma engenharia institucional que concilie participação com formas mais ativas de representatividade. A forma de abordagem do desenvolvimento a partir da perspectiva do local, ou seja, por meio da visão dos atores que estão mais relacionados com a problemática de cada indivíduo, possibilita a obtenção dos meios de ampliação da participação da população na construção da sua própria realidade.

Essas lideranças locais podem planejar e gerenciar de forma compartilhada seu próprio processo de desenvolvimento endógeno e solidário, desde que sejam permanentemente capacitadas para isso. Tanto o poder público local, como a academia podem levar a entender o desenvolvimento como um processo de conquista de melhores condições de vida para todos, o que exige respeito à cidadania, à democracia e à sustentabilidade.

## **O ALTO DAS POMBAS: TERRITÓRIO DE POTENCIALIDADES DA CIDADE DE SALVADOR**



A escolha da comunidade do Alto das Pombas como campo empírico dá-se inicialmente pela relação construída com Rodrigo Alves, gestor social e coordenador do Instituto Fatumbi, grupo de jovens engajados e residentes no bairro do Alto das Pombas, que desenvolve ações educativas e sociais junto a crianças e jovens do próprio bairro, articulando parcerias e buscando financiamentos de entidades que lidam com a infância e juventude para processos de educação popular e comunitária. Aliado a posteriori com o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas. Ambos os grupos sociais passam no momento por mudanças estruturais devido à nova conjuntura político-social que os movimentos sociais vêm enfrentando e a aceitação pela oxigenação com novas ideias fluiu de maneira positiva. O interesse pelo Alto das Pombas segue, ainda, pela proximidade geográfica do bairro com a Escola de Administração da UFBA, no Vale do Canela, local onde são ministradas as aulas do curso de Gestão Pública e Gestão Social, o que facilitou as práticas extensionistas na comunidade e imersões continuadas no território.

Ao trabalhar com bairros populares fica nítido que se faz necessário uma disposição pedagógica/construtivista e a busca constante por uma relação igualitária com os seus habitantes. O propósito seria então retomar a questão da participação em seu sentido prático, da observação direta sobre o terreno, e contribuir para a criação de um know-how participativo, ainda que de forma modesta e pontualmente.

O território do Alto das Pombas fica localizado na Federação, faz fronteira com o Calabar e é um dos bairros populares centrados numa região considerada nobre da cidade de Salvador, devido sua proximidade com os bairros da Graça, Garcia, Canela e Campo Grande.

O bairro possui uma única entrada para carros, sendo que as demais ruas possuem saídas, para o Calabar e Sabino Silva, apenas para pedestres. O largo situado no Alto das Pombas é famoso por ser espaço de lazer, samba, culinária e mobilização política das entidades comunitárias. O bairro é conhecido, também, por ser vizinho do Cemitério do Campo Santo, aliás, muitas das suas habitações pertencem à Santa Casa de Misericórdia que administra o cemitério. O Alto das Pombas ficou famoso na cidade por possuir um dos restaurantes da famosa cozinheira Dadá, mulher negra que ganhou projeção nacional, devido seu carisma e elaboração de pratos da culinária afrobrasileira.

É um bairro predominantemente residencial, onde a situação das moradias é considerada precária, com muitas construções frágeis, apesar de também apresentar casas sólidas, construções mais resistentes e esteticamente bonitas. O número de crianças e jovens que vivem no bairro é elevado, e muitos deles brincam e perambulam pelas ruas da comunidade, empinando “arraia” (pipa) e jogando bola. Mas, por estarem numa região central, eles participam de diversas iniciativas sociais, às quais o acesso é facilitado por sua localização estratégica.

As atividades comerciais são abundantes e em expansão, na sua via principal Rua Teixeira Mendes. O Alto das Pombas possui uma população de 4.835 habitantes (SIM, 2010) o que corresponde a 0,16% da população de Salvador, concentra 0,15% dos domicílios da cidade, estando 25,96% dos chefes de família situados na faixa de renda mensal de 0,5 a 1 salário mínimo. No que se

refere à escolaridade, contata-se que 34,40% dos chefes, de família tem de 4 a 7 anos de estudo.

O nome do bairro, segundo relatam alguns moradores, se deve ao fato de que muitos caçadores procuravam o local, que fica num alto, para caçar pombos. D. Zildete dos Santos Pereira, 76 anos, a membro mais antiga do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas diz que onde hoje é o bairro do Alto das Pombas foi a Fazenda São Gonçalo. Ela conta que por causa das matas, das árvores frutíferas e por localizar-se no alto, este lugar atraía um grande número de pombas. Desse modo, com a inauguração do Cemitério do Campo Santo, seus funcionários começaram a construir casas nessas terras passado a chamar o local de Alto das Pombas.

Há 70 anos, de acordo com a opinião de D. Zildete, o bairro passava por um sério problema: “a Santa Casa de Misericórdia se achava dona do terreno e não tínhamos saída. Tínhamos que passar por dentro cemitério do Campo Santo com hora de fechar e abrir. Além disso, não existia calçamento e iluminação”.

Desde esse tempo que as relações com a Santa Casa de Misericórdia e os moradores do Alto das Pombas, na opinião de D. Zildete é conflituosa. Considerando-se proprietária da região do Alto das Pombas, a Santa Casa passou a cobrar da comunidade uma taxa. Entretanto, segundo ela, moradora há mais de 50 anos, cujo local criou seus oito filhos, a Associação de Moradores do Bairro tem feito pesquisas em cartórios de Salvador e não tem encontrado registro que confirme a propriedade do terreno por parte da referida instituição. Por conta disto, os moradores deixaram de pagar a mensalidade estipulada e, agora uma questão corre na justiça, envolvendo a Prefeitura Municipal de Salvador e a Santa Casa de Misericórdia.

Entre os principais equipamentos públicos do Alto das Pombas estão a Unidade de Saúde, a Escola Municipal Tertuliano de Góes e a Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima. Há uma bonita praça no final de linha do bairro, chamada Praça do Alto das Pombas Nossa Senhora de Fátima, local onde as pessoas aproveitam para se encontrar e realizar atividades em comum. Neste bairro existiram muitas fontes e riachos, outrora bastante utilizados pela população local, quando não havia água encanada. Conforme D. Zildete, esses riachos e fontes desapareceram pela necessidade de se construir moradias.

#### *Paróquia do Divino Espírito Santo*

No local onde seria construída a paróquia do Divino Espírito Santo, primeiramente existia um cruzeiro. O mês de Maria e a Festa de Nossa Senhora das Graças despertou nos moradores a vontade de construir uma paróquia no bairro. A Proprietária do terreno, Margarida Mercês, devido à sua grande devoção, doou o lote para criar a paróquia. Primeiro foi construído um barracão pela comunidade e pelo padre Juarez. A construção definitiva foi realizada com muito sacrifício, sendo fundamental o apoio dos moradores, que arrecadaram fundos fazendo listas, livro de ouro e festas. E em 7 de agosto de 1972, ela estava pronta. A paróquia atualmente realiza missas aos domingos, trabalho com a comunidade e tardes de convivência, além de possuir grupo de jovens, pastoral da criança e Legião de Maria. A paróquia segue o Calendário de festas arquidiocesano.

### *Lavanderia Comunitária Nossa Senhora de Fátima*

Na Rua Teixeira Mendes e na Avenida Cardeal da Silva estão localizadas duas lavanderias comunitárias criadas nos anos 50 do século XX com o intuito de promover a melhoria da qualidade e organização da profissão de lavadeira, através de um modelo de auto-gestão e produtividade. Coordenadas por grupos de trabalhos criados pelas próprias lavadeiras e sob a supervisão da Coordenação de Desenvolvimento Comunitário da Superintendência de Assistência Social, as lavanderias são um espaço onde as mulheres estabelecem relações interpessoais, recebem informação sobre administração de núcleos, têm acesso a palestras sobre noções de saúde, higiene e modernização das técnicas de lavagem e conservação das peças de roupas.

### *Grupo de Jovens*

Além do Fatumbi, o bairro do Alto das Pombas conta com mais três grupos de jovens que promovem discussões sobre políticas públicas e sociais. São: Panteras Negras; Juventude e Revolução; Fênix e Núcleo de Perseverança Juvenil (NPJ). Cada um com sua nuance e sua proposta. O Fatumbi, como já descrito, tem um foco na complementação da educação de seus integrantes, encaminhando-os para instituições de educação não formal que desenvolvem os programas sociais voltados para jovens de baixa renda. O grupo Panteras Negras é voltado para a questão da identidade racial dos jovens, fortalecendo e reafirmando a condição de “ser negro” de seus integrantes. Já os jovens do NPJ (Núcleo de Perseverança Juvenil) são ligados à igreja católica e desenvolvem trabalhos sociais e de catecismo junto a seus pares moradores do bairro. O grupo Fênix se propõe a discutir semanalmente questões acerca do bairro, tendo um forte vínculo com a atual gestão da Associação de Moradores do Bairro de Alto das Pombas. E, finalmente, o Juventude e Revolução tem um cunho de luta pelos direitos sociais e uma estreita ligação com o Grupo de Mulheres (assim como o Panteras Negras).

### *Equipamentos culturais*

Neste quesito, a comunidade do Alto das Pombas é deficitária. De acordo com o Sistema Informação Municipal (SIM, 2010), da Prefeitura de Salvador, não há registro de nenhum equipamento público cultural ou negócio cultural, a exemplo de um teatro, cinema, ou outro, no bairro. Mas, contam com artesanato popular e manifestações artístico-culturais como a capoeira.

### *Grupo de Mulheres do Alto das Pombas*

O Grupo de Mulheres do Alto das Pombas teve sua origem no final da década de 70, ainda sob a ditadura militar, como um Grupo de Mães. Reuniam-se na Igreja, de acordo com D. Zildete Pereira, “as mulheres da comunidade

enfrentaram a polícia e os canhões do exército contra a carestia, junto aos movimentos sindicais”.

Em 8 de março de 1982, tendo em vista as comemorações do Dia Internacional da Mulher, o grupo rompe com o nome Grupo de Mães e passa a se chamar Grupo de Mulheres do Alto das Pombas. A ampliação do nome foi devido à identificação no grupo de um número de mães menor do que as aguerridas militantes-mulheres do movimento social.

D. Zildete reforça que a mudança do nome do grupo, para Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, traz uma simbologia importante nos trabalhos de base das mulheres do meio popular: a separação entre o macro e o micro, o subjetivo e o objetivo, a razão e os sentimentos, a casa e o bairro, o público e o privado.

Nestes 31 anos de existência, o Grupo de Mulheres vem assumindo sua missão de lutar por justiça social, contra a discriminação racial e a violência contra a mulher, mantendo sua legitimidade, autonomia e protagonismo diante da comunidade e instituições, entidades, ONGs e movimentos sociais. Nesta trajetória histórica de luta, algumas conquistas de políticas públicas tiveram a participação importante do Grupo, como por exemplo: a reabertura da Escola Estadual Nossa Senhora de Fátima (1986), a luta por saneamento e urbanização do Alto das Pombas (1988), a reabertura do posto de saúde (1990), a reforma e implementação do PSF (Programa de Saúde da Família), além do constante debate e intervenção de outros problemas que afligem a comunidade; com destaque para a violência na juventude. A especulação imobiliária também entrou no debate em diversas discussões do grupo, como forma de manter suas casas, pois embora o bairro seja considerado de famílias de baixa renda, formado por empregados e operários, em sua maioria, ele está localizado numa região central e valorizado da cidade de Salvador.

A sede onde acontecem as reuniões, desde 1999, foi cedida pela Casa Franciscana. O local foi moradia dos franciscanos seminaristas que atuaram na comunidade do Alto das Pombas, naquela época. Quando eles foram embora, o responsável que se tornou amigo do grupo cedeu o espaço, apenas solicitou a sua manutenção, para assim evitar sua degradação e má utilização. A sede é bem espaçosa, de dois andares e é onde acontecem os cursos, as reuniões e assembleias. Como também, é onde as mulheres fazem o artesanato de cama, mesa e banho; formação política para lideranças femininas, trilha das ancestrais; cultura e lazer para jovens, reforço escolar e capoeira de saia.

Para tanto, o Grupo de Mulheres conta (ou) com o apoio de agências como Oxfam, Cese e Fundação Kellogg, e organizações na qual mantém uma relação de parceria fomentando mudanças contínuas no processo de crescimento. Esses diversos grupos, Steve Biko, Ceafro, CEAS entre outros, fazem parte da história de luta, sendo também responsáveis pela sustentabilidade institucional do grupo. Além disso, essa interação com outras organizações e entidades fortalecem ações que visem à garantia dos direitos humanos.

Em 2006, diante da crise do desemprego, o Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, dando continuidade ao trabalho de produção para cama, mesa e banho, formula o Projeto “Costurando a África de Mulheres Negras Brasileiras”. O Projeto visa à captação de recursos para o fortalecimento institucional do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, capacitando-as na perspectiva de gênero e raça, além do trabalho com a autoestima. O projeto foi importante

para o Grupo manter, em 2006, contato com outras mulheres, de outros bairros e outros grupos, para a troca de experiências organizacional. A parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio) resultou na capacitação conjunta em artesanato com o Grupo de Mulheres de Marechal Rondon e Gamboa de Baixo, sendo a finalização do curso uma exposição de todos os produtos no Salão do CEAS. A perspectiva da produção e geração de renda, cada vez mais demandada pelo público acompanhado pelo CEAS, traz em si o problema de achar alternativa para a sobrevivência, sem perder de vista a atuação e presença nos grupos populares de base; neste caso, protagonizados por mulheres. Entretanto, o projeto do artesanato está parado por falta de recursos. Hoje, o Grupo é parceiro da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e realiza cursos de formação política para mulheres, enfatizando, entre outros temas, cidadania e direitos da mulher. Também fazem atividades de arte, dança, teatro e canto na comunidade.

A existência do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, nesta trajetória histórica, ainda é necessária diante da situação social agravada pela desigualdade social, racial e de gênero. Sendo assim, o Grupo de Mulheres vem buscando romper com esta sociedade desigual, desenvolvendo ações estratégicas de Formação, Organização e Geração de Renda na comunidade do Alto das Pombas, que garantam a dignidade e a vida do povo negro.

#### A OFICINA CO-CRIATIVA

Chamamos de “Oficina Co-criativa” a intervenção propriamente dita na comunidade do Alto das Pombas e proposta nos objetivos específicos do projeto de TCC. Está atividade obriga-me, antes de prosseguir com seu relato, tecer algumas considerações a cerca do que consideramos como co-criatividade. Não há na literatura acadêmica, uma definição explícita deste conceito, mas a pretensão ao tentar realizar conjuntamente está oficina, estava na intenção de reunir um grupo de pessoas (jovens, mulheres, homens) criativas e engajadas, para que ocorresse o compartilhamento, análise, reflexão, mesmo que relativa, sobre a realidade local, com o objetivo de iniciar um planejamento de ações e/ou atuações nesta mesma realidade, exercitando a criatividade e ativando as novas territorialidades.

Paulo Freire revela que “a comunicação verdadeira não nos parece estar na exclusiva transferência ou transmissão do conhecimento de um sujeito a outro, mas em sua co-participação no ato de compreender a significação do significado. Esta é uma comunicação que se faz criticamente”.

As dúvidas e questionamentos circundaram minha mente durante todo o processo de construção da oficina. Pensava em como seria possível produzir um encontro onde pudéssemos colher informações, manter interação e estreitar os laços de confiança e solidariedade? Sabe-se que muitas dinâmicas de grupo há momentos em que grupos formados por pessoas altamente capazes, engajadas politicamente, experientes por suas vivências pessoais parecem não produzir nem a pequena parte do que teriam condições de realizar. Muitas podem ser as explicações para este fenômeno. Alguns estudos sobre dinâmicas de grupos (na área da educação há uma diversidade deles) revelam que questões relativas às fases do grupo, às suas normas de funcionamento (explícitas ou tácitas), às habilidades interpessoais e papéis desempenhados por seus membros (consciente ou inconscientemente), bem

como os mecanismos de defesa grupais e individuais, podem ser determinantes para o relacionamento e o rendimento conjunto. E nós queríamos o máximo de absorção e/ou adesão à ideia possível. Parte-se daí então, o papel do facilitador, que no caso do Gestor Social, funcionou como um mediador. Atuou com o objetivo de criar situações que pudessem proporcionar a compreensão e explicitação do funcionamento do grupo e/ou de seus integrantes sem prejudicar seu desenvolvimento e sua atuação conjunta.

Ainda, por vezes pensamos, em chamar a oficina de “Encontro para o Diálogo Social”. A palavra “diálogo”, que por definição significa “a troca ou discussão de ideias, opiniões e conceitos com vistas à solução de problemas e à busca de entendimento entre as pessoas” (Dicionário Aurélio Século XXI), encontra-se bastante propagada, especialmente, em uma época na qual os discursos valorizam as formas de entendimento entre povos, governos, classes sociais, gêneros e gerações.

A percepção de que os processos de diálogo podem contribuir para a construção de relações sociais mais harmônicas traz implícita a compreensão de que este é também o caminho da formação de cidadãos e cidadãs mais participativos, mais reflexivos e, portanto, mais ativos diante da realidade. Isso porque não há diálogos sem sujeitos, sem aqueles que se expõem e se dispõem às trocas, que se expressam e se abrem às ideias e aos conceitos de um outro alguém, na busca por novos entendimentos. A própria definição da palavra deixa transparecer o seu aspecto “ativo” pois, se o diálogo visa a solução de problemas e o entendimento entre pessoas, por si só, ele pressupõe um movimento de mudança no pensamento daqueles que participam do processo dialógico.

Mas, voltando para as questões da oficina. Relacionamos os seguintes objetivos para a intervenção:

Pela negatividade

- a) não se trata de uma oficina de transmissão de conhecimentos teóricos, mas sim de reflexão sobre práticas sociais;
- b) não se trata de trazer novos conhecimentos abstratos, mas de contextualizar o modo de ser e de viver da comunidade do Alto das Pombas;

Pela positividade, a oficina objetiva:

- a) através da linguagem oral, promover relações de produção de conhecimento, diferenciada e inclusiva.
- b) desenvolver a solidariedade, elevar a autoestima e a ideia de que cada um de nós é um ser em si mesmo, mas é, sobretudo, um ser para os outros, do mesmo modo que o outro é um ser para nós, pois somos interdependentes e podemos desenvolver uma elevada capacidade relacional, isto é, de sociabilidade.
- c) favorecer a ecologia interior, como forma de apropriação de conteúdos e metodologia para práxis educativa.
- d) reiterar a ideia de que todo território pode ser portador de soluções para os seus próprios problemas desde que haja conhecimento sobre as reais potencialidades das pessoas e seu local, investindo-se então em sua capacidade de sustentabilidade territorial.

E os resultados esperados:

- a) aproximação da gestora social com a comunidade, estreitando os laços de confiança, reforçando seu tecido de sociabilidade (dimensão social);
- b) iniciar o resgate e valorização da memória histórico-cultural da comunidade (dimensão cultural);
- c) fortalecimento da capacidade cidadã das pessoas através da organização associativista dos dois grupos [Fatumbi e Grupo de Mulheres] (dimensão política);
- d) problematização da necessidade da preservação e uso sustentável dos seus próprios recursos naturais (dimensão ambiental);
- e) aproximação da universidade a grupos produtivos locais, através da mediação e extensão universitária (dimensão de gestão);
- f) ressignificação do conceito de territórios criativos, a partir da concepção e visão da própria comunidade (dimensão econômica).

Inicialmente o desenho da oficina era para que todas estas dimensões fossem reveladas durante o encontro, mas ao longo do processo percebeu-se que o tempo era muito exíguo. Marcamos a atividade para a primeira terça-feira do mês de abril, na sede do Grupo de Mulheres do Alto das Pombas, mas o método da pesquisa-ação-participante indicou que as mudanças acontecem na base onde o sujeito da pesquisa integra o território. Não havia possibilidade de levar um modelo pronto para execução. Por isto, para fins de garantir a nota referente à disciplina que avalia os trabalhos de conclusão do curso de GPGS, entreguei meu projeto constando apenas a relatório da primeira atividade realizada na comunidade. Entretanto, mantive uma relação fecunda com o Grupo de Mulheres e o Instituto Fatumbi o que gerou outras atividades bastante relevantes e reforçando assim, que uma reflexão conjunta e permanente da realidade, buscando sempre a participação, o diálogo e a autoestima, pode transformar o ser humano, ora tendo sempre ele como ator principal do desenvolvimento local.

## CONCLUSÕES REFLEXIVAS SOBRE A EXPERIÊNCIA DO TCC

No curso de GPGS o aluno-futuro-gestor é preparado para desenvolver competências técnicas, relacionais e estratégicas que lhe permitiu migrar entre esferas, compreender os desafios e potencialidades transformadoras de uma realidade, mobilizando e ativando recursos necessários para a mudança social, sejam elas de valores, afetivos, cognitivos, sócio-práticos, tecnológicos, econômicos, financeiros, entre outros. A realidade, como diziam Luckmann e Berger, seria um construto social e como tal, revela-se como êxito de processos sociais de compreensão, modelados por “frames” individuais e coletivos (BOULLOSA, 2010), que também estruturam (e vinculam) as possibilidades de ação sobre tais realidades.

Neste trabalho, busquei, ainda que de forma transversal, contribuir com a formação dos gestores sociais do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS/CIAGS) a partir da discussão sobre a dimensão da comunicação como um eixo estratégico nos processos de desenvolvimento humano, e, por conseguinte local. O meu trabalho não versava sobre a comunicação, mais dialogava todo tempo com esta temática. Em geral vista de forma instrumental, a comunicação é uma das dimensões mais importantes na atualidade por estar conectada diretamente na viabilidade de processos de participação, ampliação

e fortalecimento da democracia, mediação, construção coletiva e outros temas tão custosos nas discussões desse campo de estudo. Acredito que seria uma relevante conquista a inserção de uma disciplina, com a temática Práticas de Comunicação e Gestão Social, na grade curricular do curso de GPGS, considerando as suas potencialidades no atual cenário, as diversas práticas dentro das organizações sociais e o impacto da comunicação nos processos de gestão e desenvolvimento local, facilitando e publicizando ações.

Ainda nesta reflexão, sabia que nesta intervenção social era importante assumir o rompimento paradigmático da visão clássica sujeito e objeto. Academia versus campo empírico. A minha proposição visava uma relação sujeito-sujeito. E o acolhimento da comunidade colaborou significativamente neste processo de rescisão, e compreensão, que tudo isto me possibilitaria amadurecimento e um trabalho construído com várias mãos, mentes e corações. Escreveu Giannella (2008, p. 23) sobre a importância desse procedimento: —precisamos de um saber comprometido com os valores da escuta e do diálogo, ao invés da afirmação de uma visão de mundo, entre tantas, pretendendo validade absoluta e indiscutível.

Dessa forma, requeri, como sugere Giannella (2008, p.21), a —produção interativa do conhecimento, a —valorização das competências dos sujeitos envolvidos no processo e da —escuta ativa, na medida em que propus uma construção colaborativa, ou seja, envolvendo muitos e com muitas formas de conhecimento sendo considerada para a produção da pesquisa. Apesar de reconhecer de antemão a dificuldade em consolidar essas posturas, e o quanto isto provoca uma dispersão e/ou profusão conceitual. Ora vezes, fui chamada atenção pelas professoras, por querer “abraçar o mundo”, e fugir do foco, mas tentei perseguir uma escuta verdadeiramente ativa dos atores envolvidos na arena, e isto realmente, demandava tempo, entrega e maturidade.

Ao fim, do projeto percebi que iniciei a co-ativação de um processo de desenvolvimento local, a partir inicialmente da observação das territorialidades presentes no território que chamamos de criativo. Entre outros, o trabalho tornou-se um desafio positivo para mim. Paulo Freire diz: “educação não é alavanca da transformação da sociedade, mas tem papel preponderante na formulação dos cidadãos”. A educação é a liberdade e somos todos sujeitos em transformação e transformadores de nossas próprias práticas e rotinas cognitivas, inclusive co-ativando processos de desenvolvimento sócio-territorial.

## REFERÊNCIAS

ALBAGLI, S. Território e territorialidade In: LAGES, Vinícius; BRAGA, Christiano Lima; MORELLI, Gustavo. (Org.). Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégias de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004, p. 23-64. Disponível em: [http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/\\$File/NT000A61AE.pdf](http://www.biblioteca.sebrae.com.br/bds/bds.nsf/E1C3CE6A43DBDB3203256FD6004907B7/$File/NT000A61AE.pdf)

BARRETO, Maribel Oliveira. O papel da criatividade no ensino superior. Diálogos & Ciência – Revista da rede de ensino FTC. Ano V, n. 12, dez. 2007.

BRANDÃO, Carlos. Territórios e Desenvolvimento. As múltiplas escalas entre o global e o local. Ed. Unicamp, 2007.

BARRY, A. The impact of ideas, in Intercity, December-January. 1993.



BOULLOSA, Rosana. Multi Disco TCC, Metodologia para Trabalhos de Conclusão de Curso, 2010.

\_\_\_\_\_. Materiais didáticos da disciplina Políticas Públicas e Sociais da Graduação Tecnológica em Gestão Pública e Gestão Social. Universidade Federal da Bahia, 2010.

CARDOSO, M. L. O Mito do Método. Rio de Janeiro, CCS-PUC, 1971.

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. "A Cadeia da indústria criativa no Brasil". 2008. Disponível em: <http://www.firjan.org.br/data/pages/2C908CE9215B0DC40121685C72026F2E.htm>. Acesso em 17, fev., 2013.

FERREIRA, F. Cities, the Information Society and the Creative Industries: an analysis of the core media related creative industries in Salvador, Bahia. Austin: The University of Texas at Texas. 2008.

\_\_\_\_\_. Salvador e Austin enquanto cidades criativas: planos estratégicos e os fatores. 2008.

FISCHER, T. Poderes locais, desenvolvimento e gestão: introdução a uma agenda. In: Fischer, T. (org.). Gestão do desenvolvimento e poderes locais: marcos teóricos e avaliação. Salvador, Casa da Qualidade, 2002.

\_\_\_\_\_. O Território como Espaço para formulação e implementação de Políticas Públicas. In. I Mostra Nacional de desenvolvimento Regional, 2009.

FLORIDA, R. The Rise of the Creative Class, Basic Books. 2002.

FUNDAÇÃO SERRALVES. Estudo Macroeconômico: Desenvolvimento de um Cluster de Indústrias Criativas da Região do Norte (2008) <http://www.serralves.pt/fotos/editor2/PDFs/N%20Criativo%20Relatorio%20Final.pdf>. Acesso em 17, fev., 2013.

GIANNELLA, Valéria. Base teórica e papel das metodologias não convencionais para a formação em gestão social. In: CANÇADO, Airton, Cardoso et al. (org.). Os desafios da formação em gestão social. Anais do II ENAPEGS, Provisão: Palmas/TO 2008.

GONDIM, S.; FISCHER, T.; MELO, V.P. Formação em gestão social : um olhar crítico sobre uma experiência de pós-graduação. In: FISCHER, T.; ROESCH, S.; MELO, V.P. (orgs.). Gestão do desenvolvimento territorial e residência social: casos para ensino. Salvador: EDUFBA, CIAGS/UFBA, 2006. (p. 43-61).

HABERMAS, Jürgen. Consciência moral e agir comunicativo. Tradução Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1989.

HALL, Stuart. Identidade Cultural Na Pós-Modernidade. Rio de Janeiro, DP&A Editora, 2006.

HASBAERT, Rogério. Dos Múltiplos Territórios à Multiterritorialidade. Porto Alegre, 2004.

JACOBS, Jane. Morte e vida nas grandes cidades. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LANDRY, C. e BIANCHINI, F. (1998) The Creative city, Demos, London. Disponível em: <http://www.cidadescriativas.org.br/thecreativecity.pdf>.

LANDRY, C. The creative city. The history of a concept. In.: REIS, A.C.; KAGEYAMA, P. Creative city perspectives. São Paulo, SP. Garimpo Soluções. 2009.

OCDE (2009) The Impact of Culture on Tourism, OCDE, Paris, tradução espanhola pelo Tourism Ministry of México, pp. 3-75, disponível em: <http://www.oecd.org/dataoecd/35/4/42040208.pdf>

PLANO DA SECRETARIA DA ECONOMIA CRIATIVA: políticas, diretrizes e ações, 2011 – 2014. Brasília, Ministério da Cultura, 2011. 148 p.

POLLAK, Michael. “Memória e identidade social”. In: Estudos Históricos, 5 (10). Rio de Janeiro, 1992.

RAFFESTIN, Claude. Por uma Geografia do Poder. França. São Paulo: Ática, 1993.

REIS, Ana Carla Fonseca. Economia da cultura e desenvolvimento sustentável: o caleidóscopo da cultura. Barueri, SP: Manole, 2007.